

Os cometas e a astrologia

Ronaldo Rogério de Freitas Mourão

A próxima volta do cometa Halley justifica uma rápida análise das crenças astrológicas sobre os cometas. Desde as mais recuadas épocas, a passagem destes astros caudatos pelo céu provocava intenso e vivo impacto sobre a opinião pública, que lhes atribuiu a capacidade prodigiosa de anunciar os grandes eventos.

A tradição astrológica lhe atribuiu uma enorme importância na **astrologia mundial**, embora o seu papel na **astrologia judiciária** ou individual seja quase desprezível. Para melhor compreender a influência astrológica dos cometas convém recordar que a **astrologia judiciária**, o ramo mais conhecido desta arte, teve como princípio fundamental, desde a Antiguidade, a crença que no momento em que os homens nascem, eles estão submetidos a uma decisiva influência dos astros. Com base nesta ideia é que os astrólogos traçam a carta do céu do nascimento de um determinado indivíduo, procurando, através de sua interpretação, conhecer o seu destino. Por outro lado, a **astrologia mundial**, como seu próprio nome sugere, procura prever o futuro político das nações e das sociedades por intermédio do movimento celeste. Com este objetivo, alguns astrólogos associam, por um antropomorfismo, um estado ou nação bem como um evento histórico importante, a um indivíduo. Assim, eles traçam o mapa astrológico tomando como data de nascimento o momento em que ocorre a promulgação de uma constituinte, o início de um novo evento histórico etc. Embora este procedimento seja muito discutido mesmo entre os astrólogos, os especialistas na astrologia mundial se interessam, em particular, em estabelecer tendências com base em determinadas posições dos astros como, por exemplo, as conjunções dos planetas gigantes, como Júpiter e Saturno, as lunações, o início das eras zodiacais (como recentemente ocorreu com a já famosa era do Aquário) e, mais raramente, com relação aos eclipses e cometas.

A crença de que os cometas constituíam presságios surgiu muito antes da era Cristã. Na Babilônia, milhares de anos antes, já se atribuía aos cometas forte influência sobre as colheitas. Aristóteles acreditava que estes astros tinham capacidade de anunciar o vento e a seca. Plínio acreditava que os cometas possuíam um grande poder sobre o futuro: assim, seria possível pela sua forma adivinhar os seus efeitos. O próprio Ptolomeu, no fim do segundo livro de *Quadripartitum*, ao tratar dos fenômenos meteorológicos ocupou-se dos cometas, sugerindo que os ventos e a seca que anunciavam deveria depender das circunstâncias de sua aparição. Nesta obra, como em *Centiloquium*, Ptolomeu muito contribuiu para a difusão da ideia de que os cometas possuíam uma enorme força, em geral muito nefasta.

No século II da nossa era, surgiu entretanto o filósofo grego Arthianos (95-175) que apesar de acreditar, como Aristóteles, que os cometas fossem condensações que se inflamavam em contacto com as camadas inferiores do éter, recusava a acreditar no significado astrológico dos cometas e tentava provar que estes corpos não tinham capacidade de anunciar nada que fosse bom ou nefasto. Apesar disto, a crença nos maus presságios dos cometas não deixou de crescer até o século XVI.

Entre as crenças astrológicas ligadas aos cometas, uma das mais notáveis é a relativa à associação do seu aparecimento à morte das grandes personagens. Assim, em 43 a.C., pouco depois da morte de Júlio César, assassinado nos idos de março do ano anterior, um cometa muito brilhante surgiu nos céus, como nos descreveu Ovidio, em sua *Metamorfoses*: "Vênus, que descia da abóbada celeste, invisível a todos os olhares, parou no meio do Senado. Do corpo de César desprende sua alma; na impossibilidade de se evaporar, dirigiu-se para a região dos astros. A deusa, ao senti-la, transformou-a em uma substância divina, abraçando-a. Ela não a deixa escapar do seu seio. A alma envolta pela Lua, transformou-se numa estrela muito brilhante que traçou sua longa cabeleira flamejante, no espaço.

Na obra *Vida dos doze Césares*, Suetônio confirmou esta interpretação, relatando que nos jogos que se seguiram à morte de Cesar em homenagem ao seu herdeiro — Augusto —, um cometa brilhou durante sete dias, quando então se atribuiu o seu aparecimento à alma de Cesar recebida no céu. Na realidade, esta interpretação tinha como objetivo mostrar que se deveria vingar os assassinos do homem que se encontrava no reino dos deuses.

Do mesmo Suetônio, vamos encontrar, no relato *A Vida de Nero*, a informação de que este imperador ficou muito chocado com o aparecimento do cometa de 66 d.C., um dos retornos do cometa Halley. Acreditando que os cometas anunciavam a morte dos reis, Nero mandou executar alguns nobres a conselho do seu astrologo Balbillus, para contornar a ameaça de um mau presságio.

Em toda a Idade Média, os cometas foram vistos como um sinal anunciador da morte dos imperadores e reis. Assim, o cometa de 451 ou 453 anunciou a morte de Atila; o cometa de 455, a do imperador Valentinião; outros cometas anunciaram a morte de Meroveu, em 577; de Chilperico, em 584; do imperador bizantino — Maurício — em 602; de Maomé, em 632; de Louis, le Debonnaire, em 837; de Louis II, imperador do Ocidente, em 875; de Carlos Magno, em 814.

Se tivermos a paciência de relacionar as datas reais do aparecimento dos grandes cometas com a morte dos reis iremos verificar que a maior parte destas coincidências é forçada.

Assim ocorreu com a lenda, muito difundida pelos fanáticos de Napoleão, que afirmavam que o cometa visível a olho nu no dia do seu nascimento, em 15 de agosto de 1769, pressagiava um destino excepcional. Por outro lado, um outro cometa teria sido observado em Santa Helena, no dia de sua morte, a 5 de maio de 1821, assinalando ao mundo o seu desaparecimento. Na realidade, o cometa Messier (1769) foi visível a olho nu em 15 de agosto de 1769. No entanto, no dia de sua morte, nenhum cometa era visível, pois o cometa Nicolet (1821), descoberto em 21 de janeiro de 1821, tornou-se visível a olho nu na segunda quinzena de fevereiro e foi visível a 7 de abril em Santa Helena. Todavia, já era invisível em 5 de maio.

"Quanto mais se estuda o homem, escreveu o escritor francês Pierre Bayle, em *Pensees diverses sur la comete* (1682), mais se compreende que o orgulho e sua paixão dominante e que lhe afeta a grandeza até a mais triste miséria. Cativa criatura que é, ele pode se persuadir de que não poderia morrer sem perturbar toda a natureza e obrigar o céu a se colocar de novo a sua disposição para iluminar a pompa dos seus funerais. Idiota e ridícula vaidade. Se tivessem uma justa ideia do universo, compreenderiam logo que a morte ou o nascimento de um príncipe e um acontecimento tão insignificante, em relação a toda a natureza das coisas, que não valeria a pena se mexer no céu.

A estupidez dos homens atinge as vezes níveis cômicos, como nos conta o historiador Dion Cassius, ao relatar o que ocorreu ao imperador Vespasiano: "já muito doente e moribundo, que ao ser informado do aparecimento de um cometa, disse: "Esta estúpida cabeleira não veio para mim. Ela ameaça o rei dos Partos, etc." — abalado e em seu leito.